



# E

**estrada larga · antologia do supl.  
cultura e arte», de «o comér-  
cio do porto» · organização de  
costa barreto · porto editora**

1958

Para que o leitor, com maior clareza e fundamento, alguma coisa pudesse concluir do presente Inquérito, muitíssimos foram os nossos Escritores que cultivam a Ficção, a quem nos dirigimos. Como sempre acontece, vários tiveram a gentileza de nos responder, enquanto outros preferiram o silêncio, alegando ou não motivos mais ou menos plausíveis. Registemos, porém, as perguntas feitas :

1 — *Quais lhe parecem ser as melhores obras de ficção em prosa na Literatura Portuguesa ?*

2 — *Poderão discernir-se quaisquer peculiaridades nacionais através da história da ficção em prosa portuguesa ?*

3 — *A que atribui a longa voga que entre nós teve o romance ou a novela de tema histórico ?*

4 — *Qual a escola, geração ou corrente que melhor vingou até hoje na nossa ficção em prosa ? (ou quais as escolas...)*

5 — *Quais as personalidades dominantes da nossa ficção em prosa, aquelas que exprimiram um senso ou concepção de vida mais original ?*

6 — *Parece-lhe que seja Camilo Castelo Branco a personificação mais fiel do temperamento português na novela ou romance ?*

7 — *Que há de melhor na novela camiliana ?*

8 — *Determinados escritores modernos, aliás ligados a orientações diferentes, têm reivindicado para Camilo uma maior autenticidade psicológica, dramática e até um realismo de visão social portuguesa superior, relativamente a Eça de Queirós ? Concorda com tais opiniões ?*

9 — *Que há ainda de vivo na ficção em prosa de Garrett, Herculano, Camilo, Júlio Dinis, Eça de Queirós — e outros ficcionistas seus contemporâneos ou predecessores ?*

10 — *Em que medida poderá Eça de Queirós considerar-se ainda*



*um mestre do romance português? Quais os mestres, os clássicos da ficção portuguesa?*

11 — *Quais as personalidades mais significativas da ficção em prosa portuguesa a partir do Naturalismo? Quais as obras mais vive-doiras? Quais as tendências ou correntes que se lhe afiguram mais fecundas ou prometedoras?*

12 — *De que factores lhe parece depender predominantemente o desenvolvimento do romance, da novela, do conto entre nós? Adequada orientação crítica, estética ou ideológica? Alargamento da base de recrutamento de autores e público pela elevação dos padrões de vida e cultura? Relações entre o escritor, o editor e o público? Melhor preparação pedagógica da massa escolar em sentido literário? Prestigiamen-to social da função literária através da Imprensa, da Rádio e de outros meios de grande expansão? Formação de uma crítica respon-sável e independente nesses meios de expansão e conseqüente formação de um gosto público? Apoio oficial? Melhor defesa do escritor português em base profissional, mediante movimentos asso-ciativos fundados em direitos de autoria, assistência mutual, prêmios e outros incentivos, congressos, intercâmbio luso-brasileiro e outro, etc.?*

560

13 — *Parece-lhe lavrar uma crise nas modernas tendências rea-listas ou neo-realistas da ficção portuguesa?*

14 — *Que importância atribui a aspectos, como os seguintes, da ficção portuguesa contemporânea: análise e crítica dos costumes; análise psicológica; estilo pessoal; os motivos da infância e da adoles-cência; raízes rurais ou regionais; senso do processo social em curso; temas coloniais; problemas da mulher; libertação imaginativa; caracte-rologia moral e psicológica; reflexo do quotidiano; senso do mistério religioso; casuística moral; etc.*

Posto isto, passemos a registar as respostas obtidas, seguindo a ordem alfabética dos nomes dos seus autores.

## *JOSÉ CARDOSO PIRES*

2 — Evidentemente que sim. De resto, um país que, como o nosso, há mais de cinco séculos garante uma língua autónoma (não um dialecto) e a realiza na prática, tem, já por isso, uma estrutura social própria e condições de vida particulares que motivaram a necessidade da criação duma língua para se exprimirem.

Mas que particularidades vamos procurar na nossa literatura ?

O sentimentalismo português? O comprazimento ácido de derrotados? Um apagamento melancólico que não arrisca o «golpe de asa» dos grandes momentos? Isto e tantas outras generalizações de contrabando turístico que se apregoam constantemente?

Penso que não. Estas peculiaridades não existem porque são adjectivos intemporais duma vida que varia nos quadros históricos que a orienta e que ela, por sua vez, orienta.

Já Mestre Gil, ainda no balbuciar da Língua e, apesar disso, o mais moderno dos homens de teatro que até agora tivemos, deu-nos a paisagem portuguesa duma época através do malogro dos valores morais tradicionais perante o ouro e a aventura das Índias. Devotas malmaridadas, bruxarias de amorosos, tráficos de ouro e de demónios — aí está uma fase de apogeu que traz no seio a derrocada.

Fernão Mendes Pinto — Marco Polo mais claro na visão do mundo e sem deslumbramentos fáceis por faustos e aparências — é outro exemplo monumental da universalidade dum escritor português que soube encontrar algumas das linhas fundamentais da vida do seu povo.

Do seu povo, insisto. Na quadrícula complexa em que se desenvolve a *Peregrinação*, concertam-se tão lúcida e verdadeiramente as verdades essenciais duma época — verdades éticas, psicológicas e políticas — que dessa conjunção se levanta, cheio de força viva, o perfil do Português da plebe e o do mercador das grandes empresas da Fé e do Estado.

572

Aí, sim, creio eu que está a universalidade da obra de Mendes Pinto. E também ainda porque se quisermos partir duma balisa universal — o *D. Quixote* — talvez não seja difícil perceber que é, afinal de contas, a *Peregrinação* que lhe sucede na curva da História, na medida em que, depois do caos de alucinação que restou da aventura do último fantasma de Amadis talhado à pena cervantina, se revela a nova classe que domina a península e o mundo através do relato minucioso de Mendes Pinto. A histeria do sonho individual segue-se a calculada expedição dos Conquistadores às paragens que já estavam descobertas. Com um saber prodigioso da arte de escrever (e recordo-me de que foi Mário Dionísio quem chamou a atenção para aspectos técnicos da obra de Mendes Pinto, aspectos que alguns críticos parecem ignorar como sendo nossos, para levianamente os filiarem em literaturas modernas contemporâneas e que Casais Monteiro entendeu de gosto menor em relação ao tempo), com um saber prodi-



gioso de narrar, dizia, Fernão Mendes amparou-se a um realismo cristão prático e, por muitos tido como heresia, para compreender a psicose mística que assolava a Península aterrada pelas doutrinas da Reforma. Ele é na literatura universal um dos grandes ficcionistas no sentido moderno do termo, um homem que *comunica* pela alma e pelos olhos, que serve e se serve indirectamente da História e da crónica quotidiana para lhes agarrar o clima que dela transpira.

6 — O *temperamento português* se não for considerado nos fenómenos que o comportam e determinam não cairá naquilo a que chamei peculiaridades intemporais? O português de 500, o português de fim do século, o de entre duas guerras, e o do após-guerra, manterão quaisquer vínculos temperamentais imarcessíveis ou pelo menos duradouros? O gosto não varia de região para região dum país? Os costumes? Os ritos familiares? Não há até um gosto de classes, na arquitectura, na música, na cor e no trajar? E se assim é, não estará em equação o próprio temperamento?

7 — Camilo, como Gil Vicente, como D. Francisco Manuel de Melo, foi um admirável intérprete duma parte da vida nacional e, logo, de determinado extracto social e da alma dessa gente. Como Mestre Gil e como D. Francisco carregou propositadamente nos filtros do coração, e compreende-se : numa sociedade em crise como a que conheceu, a questão sentimental é o juguete mais a jeito dos desencontros. Romances de convento e devoção amorosa fê-los às dezenas, mas não por culpa dele : por culpa dos interesses criados que conduziam ao ódio das famílias e à fronteira das estirpes e do dinheiro.

Aquilo que alguns bem intencionados auditores da «Conferência do Casino» consideravam prosa anacrónica, romantismo de lágrima ao canto do olho, era afinal, no conjunto da obra camiliana, uma interpretação valiosíssima dum tipo de vida que de facto existia : o retrato de toda uma sociedade de latifundiários, de fidalgos teimosos agarados ao passado, de pedreiros e almocreves ciosos de dinheiro perante o espectro da fome, de burgueses e brasileiros que se querem consolidar como classe de direito, sacudidos ainda pelas conturbações da política dos Cabrais. Em suma, um drama de faces múltiplas em que coração, cabeça e estômago se revolvem nas vísceras mais íntimas.

Camilo, cego de paixão e instintivo até à incoerência, é certo que deixou uma obra desequilibrada. Se os brasonados dos seus enredos babujavam de raiva perante a ameaça do Industrialismo, ele próprio

não deixava de lhes dar crédito complacente, com um sorriso ácido ou uma vergastada de humor. Doia-se, era o caso. E, no que lhe cheirasse a ideias democráticas, idem. Mas a despeito dele e por força de sinceridade com que se fincava no material vivido, a sua obra veio, afinal, a ultrapassá-lo. Escreveu duma vasta gente do seu tempo e nem por sombras a poupou ao artículo-de-morte. E se em si mesmo não soube encontrar a razão, os factos e as personagens que escolheu apresentaram-lha, ainda que o não soubesse. Mas não esqueçamos que foi ele quem assinou esta admirável profissão de escritor na dedicatória do *Engeitado*: «obedecei a umas regras que prescrevem ao romancista a dura lei de recompor o que parecia estar bem feito das mãos da natureza...»

8 — Eça, por seu turno, foi o intérprete daquela burguesia que se opunha aos personagens camilianos. Meia dúzia de fidalgos esclarecidos, prontos a enfileirar nas empresas fabris do futuro, pequenos accionistas do Caminho de Ferro, burgueses em ascensão, toda a sua população literária é resultante da mesma matriz histórica: a instalação em Portugal de novos moldes espirituais, provenientes de novos métodos de comércio e de indústria. Todavia, o processo queirosiano está, para mim, longe de atingir aquele fervilhar interno que Camilo soube tão bem dar e que, no fundo, comunicando-nos a sua complexa máquina contraditória, traz a medida de todas as transformações do homem. O problema sentimental em Eça é liso, a tragédia lienar, a mensagem simplista.

13 — Se há uma crise neo-realista, por certo que ela se verifica noutras correntes do pensamento e da literatura.

Em que pontos e a que grau a crise atinge todos esses sectores é questão a pôr e fenómeno que varia por razões nem sempre idênticas de corrente para corrente.

Na literatura neo-realista, em particular, tenho observado que tal crise é de crescimento e de selecção, e não atinge de maneira alguma os alicerces em que se levantou há uns bons 20 anos esta corrente literária.

Os receiptuários de temas, as facilidades formais, a incapacidade de comunicação, o simplismo, etc. — representam, sem dúvida, insuficiências individuais, altos e baixos nas fileiras de produção duma literatura em movimento. Porque se muitas críticas destas se fazem diariamente aos jovens que surgem interessados neste tipo de literatura,



e revelam estes ou semelhantes defeitos, isso é sinal de força da corrente, sinal de vida.

E além disso, que diabo, em todos os sectores, em toda a parte se verifica coisa semelhante! Não se verifica ou não se verificou o mesmo na *Presença* e no *Orpheu*? Claro que sim. E então?

Então, resta averiguar apenas se no «Caso Neo-Realista», essa situação ou crise de circunstância corresponde a um processo de desenvolvimento que a maturação do movimento exige.

Estou crente que sim. Senão: 1) — nada justificaria as exigências de qualidade literária que acontece serem maiores da parte da própria crítica neo-realista do que de qualquer outra; 2) — o mesmo no que diz respeito à massa de leitores; 3) — haveria que retirar da literatura portuguesa, alguns dos seus nomes mais prestigiosos, cuja obra se confirma dentro do movimento; e, finalmente, 4) — seria possível encontrar no panorama nacional um conjunto de escritores tão variado como actualmente apresenta o Neo-realismo. Uma breve vista de olhos provará que neste aspecto não há confronto possível. Um punhado de exemplos demonstraria toda a diversidade de temperamentos, estilos e de temas destes escritores.

Portanto, se há crise, ela não se confina a um simples sector de pensamento, embora, num ou noutro se agudize. As correntes devem suceder-se e combater-se no terreno comum que lhes é próprio. Se assim é, se no estímulo do diálogo se fortalece a literatura, então, sim, pode acontecer a *crise tipicamente de criação*. De contrário, impossível.

575

## JÚLIO GRAÇA

1 — Dos clássicos, o «Amor de Perdição» de Camilo, «Os Maias» de Eça de Queirós, as «Viagens na Minha Terra» de Almeida Garrett, e alguns contos de Fialho de Almeida. Dos contemporâneos, entre as muitas obras que releio com prazer, destaco três que me parecem ser portadoras de novos problemas: «Os Esteiros» de Pereira Gomes, «Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária» de Domingos Monteiro, e «Casa na Duna» de Carlos de Oliveira. E sem esquecer a espantosa narração que é «A Selva» de Ferreira de Castro.

2 — Às vezes chego a dar razão àqueles que nos acusam dum lirismo sentimental e idealista enraizado nas nossas melhores tradições